

## **Relacionamento Amoroso e o Processo de Individuação**

Maytê Romero

O processo de individuação, segundo Jung, é um esquema psíquico que apresenta uma tendência reguladora e que gera um movimento de evolução. Esse processo se desencadeia no Self, totalidade da psique e centro organizador da mesma. O processo de individuação ocorre de maneira espontânea e inconsciente e faz parte da natureza inata do indivíduo. Entretanto, esse processo só se torna significativo na medida em que o indivíduo se torna consciente e se compromete com ele. (Jung, 1964)

Para se tornar consciente do processo de individuação, do funcionamento da sua vida interna e externa, o indivíduo precisa percorrer a estrada já percorrida pela humanidade que o antecedeu e que deixou a marca de sua jornada impressa na sequência arquetípica das imagens mitológicas. Neumann relatou que: “ A relação do ego com a natureza eterna das imagens arquetípicas é um processo de sucessão temporal, isto é, ocorre em estágios. A capacidade de perceber, de compreender e de interpretar essas imagens se transforma à medida que a consciência do ego muda no decorrer da história ontogenética e filogenética do homem; para a consciência do ego em evolução, o caráter relativo da imagem eterna se torna, em consequência, cada vez mais pronunciado. (Neumann, 1995)

Os sonhos são grandes mensageiros do inconsciente e se manifestam muitas vezes através de imagens arquetípicas. As sociedades primitivas faziam uso dos sonhos como importante fonte de informações, sendo que sobre essa base elevaram-se antigüíssimas e poderosas culturas, como a hindu e a chinesa, que desenvolveram detalhadamente a via do conhecimento interior. O ocidental apresenta certa dificuldade de fazer uso deste importante mecanismo, pois entende que o conhecimento provém do exterior. (Jung, 1991, vol. VIII)

Entretanto, muitos já possuem a certeza de que o inconsciente traz em si, importantes conteúdos arquetípicos, que se pudessem se tornar conscientes, contribuiriam e muito para a ampliação do conhecimento interno e externo e, conseqüentemente, para evolução do indivíduo em seu processo de individuação. (Jung, 1991 vol. VIII)

Compreendendo a importância da ampliação da consciência a partir dos conhecimentos e conteúdos vindos do inconsciente, achei por bem aceitar o direcionamento do meu Self, que, através de um sonho, orientou-me a escrever sobre relacionamento. Por isso me propus, neste artigo, a realizar uma reflexão sobre o relacionamento amoroso no processo de individuação, a partir dos símbolos apresentados por este sonho.

O sonho foi o seguinte:

Eu estava em uma relação de Amor com um homem muito belo, estávamos em total sintonia, muito afeto nos envolvia, nossa conexão era doce e forte permeada pela plena sensação de estar entregue àquele amor. De repente, ele me olhou por um longo tempo e me mostrou um crucifixo com uma serpente enrolada no centro, de forma que a cauda da serpente criava um quinto elemento na cruz. Ele segurou a cauda da serpente e a quebrou dizendo que aquilo representava a primeira etapa do processo. Uma mistura de medo e esperança tomou conta de mim. Medo de perder aquela conexão

e esperança pela certeza da existência das próximas etapas. Em seguida, chegou a este lugar uma mulher que eu sabia ser a escritora de Eros e Psique; ela disse que eu deveria escrever sobre relacionamento. E acordei.”

A ampliação dos principais símbolos do sonho, ou seja, a Serpente e a Cruz, bem como a dinâmica através da qual o sonho se apresentou, conduziram-me ao mito de Adão e Eva e a Queda do Paraíso e são por essas vias que discutirei o relacionamento amoroso no processo de individuação. Vale ressaltar que a ampliação destes símbolos se dará no contexto arquetípico, sem considerar minhas questões individuais e meus conteúdos internos.

Quando abordo o tema do relacionamento amoroso, estou dando ênfase ao relacionamento entre um homem e uma mulher, namoro ou casamento. Entretanto, refiro-me também a todos os relacionamentos que tragam em si a possibilidade de encontro consigo mesmo. Pois as relações de amor parecem possibilitar o encontro com o Self, com o sagrado dentro de nós, sabendo ser o amor, a linguagem sublime do sagrado.

De acordo com a orientação do sonho, começo minha reflexão ampliando a imagem inicial do mesmo, isto é, aquele momento da total sintonia, do afeto, da conexão, da grande entrega e do encantamento entre dois seres humanos. Podemos pensar neste momento do sonho, como representante do estado em que se encontravam Adão e Eva no paraíso. Estado de *coniunctio* inferior, estado da união original e indiferenciada.

Segundo Gênesis, Deus criou o homem sua imagem e semelhança e dele criou a mulher. E Ihes disse: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. ( Bíblia Sagrada, cap.2 versículos 16 e 17)

Segundo Edinger (1992), Adão e Eva no paraíso representam o Si - mesmo, o estado da unicidade original, no qual o ego, a natureza e a divindade representam uma única e mesma coisa. Segundo ele, o paraíso representa o estado inicial e antecessor ao nascimento da consciência.

No que tange ao relacionamento amoroso, podemos pensar que Adão e Eva no paraíso são a representação do estado inicial do relacionamento, no qual os indivíduos estão de alguma forma, indiferenciados, encantados, muito conectados e vulneráveis à projeção do que pensam ser o outro, sem muitas condições conscientes de perceber o outro como ele realmente é. Numa relação de namoro, esta etapa se refere ao estado de apaixonamento, esse estado paradisíaco, no qual o outro se torna a expressão da salvação da nossa alma. Neste estado, os indivíduos estão fusionados e dificilmente têm a noção psíquica de onde um termina e tão pouco de onde começa o outro. Neste estado parece que encontramos tudo o que vínhamos buscando até então. (Johnson,1997)

Biologicamente podemos ver a comprovação deste fato em uma pesquisa realizada na Universidade Estadual de Nova York. Nessa pesquisa estudou-se um grupo de indivíduos apaixonados através da ressonância magnética. Foi percebido que os indivíduos apaixonados, quando em contato com a imagem do ser amado, ativam as partes do sistema de recompensa do cérebro, as quais também geram os desejos. Estes pesquisadores relataram que:

o fato de a paixão estar relacionada a esse sistema de recompensa’ , indica que o que estamos habituados a chamar de sentimento’ talvez seja, na

verdade, um estado de motivação’ para a busca de algo – comparável à fome, que nos leva a buscar e consumir alimentos.” (Revista Viver Mente e Cérebro, nov.2008)

Analisando o funcionamento biológico do ponto de vista psíquico; poderíamos entender a paixão como o momento no qual vemos o ser amado como a possibilidade de alimento para as nossas faltas interiores.

Neste estado de paixão, os indivíduos estão presos na inconsciência. Segundo Jung, este estado não pode ser visto como bom ou puro, pois traz em si uma excrescência pouco diversa de um animal. Sendo que, essa atitude prevaleceria se o próprio mestre não pusesse fim a essa conduta, ao introduzir a distinção entre o bem e o mal. Sem a percepção da diferenciação não haveria consciência alguma nem de si mesmo e nem do outro. É o conhecimento dos opostos que liberta o ser. (Jung, 2002, par.244)

Poderíamos pensar que, se o propósito de Deus fosse conservar o casal primeiro no paraíso, não teria colocado lá nem a árvore do conhecimento do bem e do mal e tão pouco a serpente. O Gênesis nos mostra Deus sendo claro: Sede fecundos e multiplicai-vos” (cap.1, vers.28); e para que isso ocorresse foi necessário que Adão e Eva sássem da unicidade original, se tornassem dois, para que a multiplicação fosse possível. Sendo assim, pode ser que a Queda do Paraíso já estava nos planos de Deus, tanto para Adão e Eva, quanto arquetipicamente para toda a humanidade que se formaria a partir deles, ou seja, todos nós.

Dessa maneira, poderíamos extrapolar que, sem sair do paraíso, o indivíduo poderia ficar confinado ao mal, que parece ser bom. O Paraíso como representante deste estado indiferenciado e *urobórico*, que começa e termina em si mesmo e que é representado, simbolicamente, pela serpente comendo o próprio rabo. Sem sair do paraíso, poderia ficar preso na paixão, na não diferenciação, na mistura, no incesto, no estado de *coniunctio* inferior.

Entretanto, como tudo tem o seu oposto, poderíamos pensar que este estado paradisíaco também é positivo, pois representa a primeira etapa da relação. Etapa esta, que pode promover o encontro, pode possibilitar a entrega e as projeções, podendo ser neste estágio que o amor é fecundado. Talvez, sem esta etapa, não seria possível seguir em frente, retirar as projeções, confrontar a sombra e aceitar sua existência. Sem esta etapa, possivelmente, a princesa não conseguiria beijar o sapo, ou seja, poderia não conseguir entrar em contato com o lado sombrio do seu amado, não teria coragem para isso e, sendo assim, talvez não fosse possível encontrar o verdadeiro príncipe, tanto fora, quanto dentro si mesma.

Quando me refiro à princesa, refiro-me arquetipicamente, onde a princesa representa também o lado feminino do homem, sua anima, assim como o príncipe é também o representante da porção masculina na mulher, o animus. (Sanford, 1986) Estar no paraíso é o primeiro passo para estar numa relação amorosa, sendo esta uma das etapas necessárias para o encontro consigo mesmo, para o autoconhecimento através da relação com o outro. Podemos pensar que o relacionamento amoroso possibilita a realização da opus alquímica e, conseqüentemente, a realização do que foi proposto pelo Mestre. (Jung, 2002)

Nesta primeira etapa do relacionamento, nos deparamos com o movimento psíquico de projeções. Para Jung, todas as coisas a respeito de nós mesmos e das quais não temos consciência projetamos nos outros. Segundo ele:

Da mesma forma que nos inclinamos a supor que o mundo é tal como o vemos, com igual ingenuidade supomos que os homens são tais como os figuramos.” (Jung, 1991, vol. VIII par. 507)

Sendo assim, podemos supor que, para sair deste estágio de projeções, seria necessário que ocorresse a Queda do Paraíso”, a partir da intervenção da serpente. Voltando ao sonho, ele apresentou a serpente enroscada no centro da cruz e trouxe a indicação de ser ela, a representante da primeira etapa do processo. Podemos, então, pensar na serpente como representante, tanto do estado inicial e urobórico deste processo, bem como a possibilidade de saída do mesmo. A serpente e o centro da cruz representam de onde podemos partir, em um relacionamento e para onde devemos sucessivas vezes retornar. O que o centro traz é, evidentemente, o que existe no fim e existia no início. (Goethe/Divã ocidental)

Simbolicamente, a serpente apresenta um complexo de arquétipos ligado à noite fria, pegajosa e subterrânea das origens. É primordial, indizível e não cessa de desenroscar-se, desaparecer e renascer. Ela representa a vida em sua latência. Ela é o reservatório, o potencial em que se originam todas as manifestações. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999, pág.814)

Sendo assim, a serpente pode representar a união primordial, o paraíso, o uno. Ela traz em si o veneno e a cura, ela encanta e enfeitiça, e também podemos pensar que ela ativa, arquetipicamente, no indivíduo o processo de encontro consigo mesmo, através do relacionamento amoroso, pois ela parece acordar a consciência e mostrar que o processo deve continuar.

A problemática das relações, seus desarranjos e conflitos podem representar simbolicamente o veneno e a cura da serpente, pois podem se configurar como o desequilíbrio necessário para a saída da inconsciência.

Neste sentido, segundo Chervallier, a Serpente: Senhora da força vital, não simboliza mais a fecundidade, mas a luxúria; tendo seduzido o pudor virginal de Eva, inspirou-lhe o desejo do coito bestial e de toda a imprudência e de toda a prostituição dos homens. A serpente fez Eva acreditar que a árvore da morte era a árvore da vida, levando Adão e Eva a violar as regras de Deus e, conseqüentemente, à expulsão do paraíso. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999, pág.824)

Sair do paraíso pode significar seguir para as próximas etapas do relacionamento. Retornando ao sonho, significa ir para a Cruz, para a diferenciação.

A cruz representa a união dos contrários, sendo que sua correspondência quaternária ilustra a repartição dos quatro elementos e suas qualidades quente e fria, seca e úmida. E, por isso, podemos pensar que ela traz em si a possibilidade da diferenciação, pois representa a união dos contrários. Podemos entender a cruz como a representante da etapa do relacionamento que se segue à Queda do Paraíso. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999)

A cruz é a representante da árvore da vida. Se traçarmos um quadrado na cruz, teremos quatro triângulos apontando para o centro, do três para o quatro, o sacrifício. (Jung, 2000, par.426)

O três e o quatro nos conduzem ao axioma de Maria, que desempenha um papel importante na alquimia, podemos pensar, neste sentido, que o relacionamento possibilita o processo de transformação dividido em quatro fases de três, análogas, segundo Jung às doze transformações do zodíaco e à sua divisão em quatro. (Jung, 2000, par.552)

Trata-se de um sacrifício, pois se trata de viver, através do relacionamento, o processo de individuação, sendo que nenhuma transformação psíquica ocorre sem sacrifício. E sair do paraíso e recolher nossos próprios conteúdos projetados nos outros, não é de forma alguma, tarefa fácil. Entretanto, tal momento se configura como uma grande oportunidade de encontro verdadeiro consigo mesmo e, conseqüentemente, com o outro.

Sanford (1986) citou que:

(...) desde que o fenômeno de projeção, seja reconhecido, essas imagens projetadas podem, até certo ponto, ser recolocadas dentro de nós, pois podemos usar projeções como espelhos em que vemos o reflexo de nossos próprios conteúdos psíquicos. Quando descobrimos que a imagem da anima ou do animus se projetou num homem ou numa mulher, torna-se possível para nós vermos, como que em reflexo, conteúdos de nossa própria psique que, do contrário, poderiam passar despercebidos para nós. A capacidade de reconhecer e utilizar projeções é particularmente importante para o autoconhecimento (...), embora tais fatores psíquicos nunca possam tornar-se a tal ponto conscientes que deixem de se projetar.”

Vale ressaltar, também, que nossa consciência, provavelmente, não atinge a completude com uma expulsão, acredito que precisamos ser muitas vezes expulsos, e precisamos muitas vezes retornar, pois nossa consciência pode dormir e acordar sucessivas vezes numa relação. Tratando-se de uma obra evolutiva para toda a vida. Pode ser que a expulsão do Paraíso venha a ocorrer nas mais diversas fases de um relacionamento, podendo não ter um tempo pré-determinado; a expulsão pode ocorrer quando se entra em contato com a cruz, ou seja, quando se entra em contato com a existência dos opostos, com o conhecimento do bem e do mal.

Quando entendemos e aceitamos, mesmo que inconscientemente, a expulsão do Paraíso, podemos utilizar as projeções como espelhos refletores do nosso funcionamento interno. Pois na relação amorosa o outro representa o espelho ideal que reflete disfarçadamente a nossa própria imagem não consciente, nossos anseios, nossas necessidades e nossas faltas interiores. Olhar neste espelho pode gerar a consciência de quem realmente somos. Sendo somente a partir do reconhecimento do que somos, como ser humano, no que é bom e no que é ruim, que podemos aceitar o outro em sua inteireza, e prosseguir na relação com maior equilíbrio. (Johnson, 1997).

Após a Queda do Paraíso, pode vir a discriminação, podemos nos tornar “um” em nós mesmos e descobrimos que o que nos falta só poderá ser preenchido de nós mesmos; podemos supor que se trata simbolicamente, de fazer uso do poder regenerador da serpente. Significa aceitar a responsabilidade pela nossa própria felicidade ou infelicidade, sem esperar que isso venha do outro.

Entretanto, nem todo o processo ocorre satisfatoriamente, pois tanto o homem quanto a mulher, ou ambos, podem não conseguir realizarem a diferenciação. Podem ficar presos no paraíso, tanto pelo apaixonamento, como pela retroalimentação dos complexos de cada um. Quando o outro é visto como a salvação das faltas internas pode também ficar como culpado pelas frustrações a isso associadas. Muitos casais estão em estado fusional, estão presos na indiferenciação. E vivem se nutrindo, mutuamente, com a problemática da relação.

Dessa maneira, podemos supor que, quando os indivíduos saem do paraíso das projeções positivas e entram em contato com o conhecimento do bem e do mal, podem, também, correr o risco de ver o outro como o único responsável pela queda. Neste momento, a projeção negativa pode ocorrer e o mal pode passar a ser visto somente no outro, e o outro que outrora representava a saciação das necessidades internas e externas, pode agora ficar como o responsável pelas nossas insatisfações. Parece que se não podemos nos apropriar do que é nosso, podemos ficar presos no bem e no mal, ao invés, de nos movimentarmos entre esses opostos, como possibilidade de ampliação do conhecimento de nós mesmos e de evolução.

A psique é dialética, pois visa ao dialogo entre os opostos. Entretanto, uma coisa é estar na dialética podendo sentir e viver a dualidade e outra coisa é estar na unilateralidade, presa em um dos lados. Para o funcionamento adequado da psique, é necessário que a libido possa fluir em equilíbrio frente aos opostos. A libido precisa se mover tanto em direção ao eu, ao amor próprio, à relação consigo mesmo; quanto em direção ao objeto de amor, o outro, o amor ao próximo, ao relacionamento. A libido direcionada a um único fim petrifica o ser, como Narciso, amor só a si mesmo ou Eco, amor só pelo outro.

Podemos pensar que as dificuldades em lidar com as problemáticas das relações, podem demonstrar a dificuldade do sacrifício do numinoso em prol da vivência real. As pessoas, geralmente, buscam encontrar na relação com o outro a vivência do numinoso, entretanto, podemos supor que somente quando o ego aceita o sacrifício dessa necessidade, o positivo do que é real, pode se manifestar. Por isso, a importância do encontro com o outro e do amor próprio, para que o indivíduo se reconheça em si mesmo, deixando de buscar viver fora o que deve ser vivido dentro. Pois parece que apenas após reconhecer a importância desta vivência interior e realiza-la, é que o amor fica livre para ser vivido com o outro.

Suponho que o sacrifício do numinoso pode ser entendido como a necessidade da crucificação. Arquetipicamente, podendo ser representada pela crucificação de Cristo. Na época cristã, o Cristo que regenera a humanidade algumas vezes é representado como a serpente atravessada na cruz. (Chevalier & Gheerbrant, 1999. pág.823)

Podemos ver em alguns versículos a necessidade do sacrifício, nas palavras do próprio Cristo:

(...) Sou uma lâmpada para ti, que estás me vendo. Amém

Sou um espelho para ti, que me conheces. Amém

Sou uma porta para ti, que bates diante de mim, pedindo para entrar. Amém

Enquanto dançares, considera o que estou fazendo; vê que este sofrimento que eu quero sofrer é o teu (sofrimento), pois não compreenderias o que é sofrer, se meu pai não tivesse me enviado a ti como Palavra (Logos) (...) Se conhecesses o sofrimento, possuirias a impassibilidade. Conhece, pois, o sofrimento e terás a impassibilidade(...) Reconhece em mim a Palavra da Sabedoria.” ( Jung, 1988, vol. XI, par. 415)

Pensamos que o Mestre propôs a evolução do ser através da Queda do Paraíso; e diante da incapacidade humana da realização total deste processo, poderíamos pensar que ele nos enviou Cristo como símbolo, entre outras coisas, da necessidade da crucificação humana.

Podemos entender na primeira frase do versículo, Cristo falando da lâmpada, que pode ser entendida como sendo representante da luz da consciência. Em seguida, podemos supor que ele está salientando a consciência das projeções, a importância do espelhamento de si mesmo através do outro; podendo estar apresentando-se como representante humano, do caminho necessário para o encontro do portal que nos conduz a evolução; podemos entender sua explicação no que se refere a estar dançando, no que tange a importância de se dançar a dança da vida, não devendo deixar de considerar a importância de seu exemplo. O seu sofrimento, como representante da importância do nosso processo, sua crucificação, como representante da necessidade da nossa crucificação. Pois parece que a crucificação nos conduz ao sacrifício e este nos conduz à ressurreição.

Vemos, então, a importância das fases vividas num relacionamento. O estado indiferenciado do paraíso podendo ser a possibilidade do início da vivência da entrega, da *coniunctio* e da realização das projeções; A queda, como representante da entrega propriamente dita, como possibilidade de viver o nascimento da consciência na relação, de fazer uso do outro como espelho que reflete nossa própria imagem e nos conduz à percepção dos opostos, à cruz, à diferenciação do eu e do outro; A crucificação, como possível representante da possibilidade de viver a tensão entre os opostos, que por sua vez pode possibilitar a vivência do sacrifício do numinoso na relação; E o sacrifício pode trazer a possibilidade da morte da relação ideal projetada para que a relação real possa nascer.

Vemos, então, que o relacionamento amoroso pode trazer em si a possibilidade de estarmos submetidos a um movimento circular de ampliação de consciência que se repete sucessivas vezes nas etapas do relacionamento, arquetipicamente representadas aqui como o paraíso, a queda, a crucificação, o sacrifício e a ressurreição. Sendo que a cada volta poderíamos ter a possibilidade de mais uma ampliação do conhecimento de nós mesmos e do outro, de ampliação do relacionamento e de evolução em nosso processo de individuação.

Sendo assim, podemos entender que Adão e Eva não foram expulsos porque comeram a fruta, mas sim, por não terem tido a capacidade de assumir o que fizeram. Adão disse que foi Eva e ela disse que foi a serpente e por não se apropriarem dos seus atos não poderiam usufruir do paraíso. (Jung, par. 751) Sendo necessário o conhecimento dos opostos, a crucificação, o sacrifício, para que lhes fosse novamente permitido ressuscitar no paraíso, mas não mais no paraíso dado por Deus, mas no paraíso conquistado pelo esforço do processo.

O futuro do relacionamento amoroso depende da nossa capacidade de separar e juntar, sendo essencial que se volte ao paraíso e que dele se saia quando for necessário, respeitando a indicação do Self frente à necessidade do momento. (Patrícia Berry)

Suponho que quanto mais próximo de nós mesmos pudermos chegar, mais perto estaremos do outro e mais inteiros para a vivência do relacionamento amoroso. E quanto mais perto de nós estivermos, mais perto estaremos do Sagrado e de suas grandes lições.

Finalizo este artigo agradecendo ao Self pela indicação dos símbolos apresentados no sonho, bem como pelo pequeno, mas importante entendimento das lições do Mestre, vividas aqui através das imagens arquetípicas.

*Procura tornar-te tal como queres que seja a obra por ti buscada.* (Jung, 1988, vol.IX/2, par. 264, rodapé 58)

### **Bibliografia:**

Bíblia Sagrada

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. 1999. Dicionário de Símbolos. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

EDINGER, Edward F.. 1992. Ego e Arquétipo. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultrix.

JOHNSON, R.A..1997. We: A Chave do Entendimento do Amor Romântico. São Paulo: Ed Mercury.

JUNG, C. G. (concepção e organização). 1964. O Homem e seus Símbolos. 13ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

JUNG, C.G. 1988. Obras Completas de C.G. Jung: Aion, estudos sobre o simbolismo de si mesmo. vol. IX/2. Petrópolis: Editora Vozes.

JUNG, C.G. 1988. Obras Completas de C.G. Jung: Psicologia da Religião Ocidental e Oriental. Vol.XI. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes.

JUNG, C. G.. 1991 A Dinâmica do Inconsciente. Vol. VIII. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes.

JUNG, C. G. 2000. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. vol. IX/1. Petrópolis: Editora Vozes.

JUNG, C. G. 2002. Estudos Alquímicos. vol. XIII. Petrópolis: Editora Vozes.

NEUMANN, E.. 1995. História da Origem da Consciência. 10ª edição, São Paulo: Editora Cultrix.

SANFORD, J. A.. 1986. Os Parceiros Invisíveis – O masculino e o feminino de cada um de nós. 6ª edição, São Paulo: Editora Paulus.